

A infância na pintura de Velázquez: enfoques iconográficos e históricos em Philippe Ariès e João dos Santos**Childhood in Velázquez painting: iconographic and historical approaches in Philippe Ariès and João dos Santos**

DOI:10.34117/bjdv6n3-145

Recebimento dos originais: 03/02/2020

Aceitação para publicação: 11/03/2020

Regiane Rodrigues Araújo

Doutoranda em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará/UFC- Linha de Pesquisa História e Educação Comparada/LHEC- Bolsista CAPES.

E-mail: regiane.faced@gmail.com

Carlos Alexandre Holanda Pereira

Doutorando em Educação da Universidade Estadual do Ceará/UECE – Linha de Pesquisa Formação Didática e Trabalho Docente.

E-mail: profalexandreholanda@gmail.com

Patrícia Helena Carvalho Holanda

Professora Associada IV, docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará- PPGE/UFC e Coordenadora da Linha de Pesquisa História e Educação Comparada.

E-mail: profa.patriciaholanda@gmail.com

RESUMO

Analisar as concepções de infância, por meio das narrativas iconográficas do século XVII, e articular com as teorias constituídas na atualidade são atos desafiantes e, ao mesmo tempo, instigantes, por essas ações tratarem de elementos históricos e estéticos. Este estudo objetiva refletir sobre a infância ou a ausência dela na pintura do período Barroco, a partir dos quadros que retratam as crianças. Para isso, utilizamos elementos puramente visuais, além de traçarmos um paralelo com a concepção de infância na modernidade. O método adotado foi a a/r/tografia, com base nos estudos de Dias (2013, p. 25), ao explicar que “a a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito), quanto a imagem.” Também fizemos uso de Irwin (2013), que comenta ser essa metodologia consolidada por meio das configurações artísticas textuais. Optamos pelo citado método, pelo fato de trabalharmos com a leitura de imagens, o que torna a arte uma das nossas principais fontes de pesquisa. Contamos, ainda, com o estudo bibliográfico baseado nos escritos de Philippe Ariès (2006) e João dos Santos (1991), sendo este considerado o alicerce histórico e sociológico para desenvolvermos a temática. As reflexões finais apontam que a primazia da arte sobre a imaterialidade do tempo revela-se na mística do movimento da vida e na perpetuação dos fatos históricos, sociais e

políticos. Os enfoques contemporâneos de Philippe Ariès e João dos Santos sobre a tônica desta investigação significaram reconhecer que tudo tem uma história e um passado, que deve ser articulado com o presente, na perspectiva de um futuro no qual a infância seja um direito e não um privilégio.

Palavras-chave: Infância. Velázquez. Philippe Ariès. João dos Santos.

ABSTRACT

Analyzing the conceptions of childhood, through the 17th century iconographic narratives, and articulating with the theories constituted today are challenging and, at the same time, instigating acts, because these actions deal with historical and aesthetic elements. This study aims to reflect on childhood or its absence in the painting of the Baroque period, from the pictures that portray children. For this, we use purely visual elements, in addition to drawing a parallel with the conception of childhood in modern times. The method adopted was *aa / r / tography*, based on the studies by Dias (2013, p. 25), when explaining that “*aa / r / tography* is a form of representation that privileges both the (written) text and the image .” We also used Irwin (2013), who comments that this methodology is consolidated through textual artistic configurations. We opted for the mentioned method, because we work with image reading, which makes art one of our main sources of research. We also have a bibliographic study based on the writings of Philippe Ariès (2006) and João dos Santos (1991), which is considered the historical and sociological foundation for developing the theme. The final reflections point out that the primacy of art over the immateriality of time is revealed in the mystique of the movement of life and in the perpetuation of historical, social and political facts. The contemporary approaches of Philippe Ariès and João dos Santos on the focus of this investigation meant recognizing that everything has a history and a past, which must be articulated with the present, in the perspective of a future in which childhood is a right and not a privilege .

Keywords: Childhood. Velázquez. Philippe Ariès. João dos Santos.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata dos fundamentos estéticos e históricos nos quais a concepção de infância foi se desenvolvendo no Ocidente. Para tanto, nossa investigação parte das narrativas iconográficas do século XVII, tendo o quadro “Las meninas”, de Velázquez, como fio condutor desta análise. Diego Rodríguez de Silva y Velázquez nasceu em Sevilha, no dia 6 de junho de 1599, vindo a falecer em 6 de agosto de 1660, em Madrid. Foi um pintor espanhol e um dos principais artistas do período Barroco. Ficou conhecido como o pintor da família real, do Rei Filipe IV, da Espanha. Destacamos que seu trabalho remete à arte sacra, principalmente, pelas pinturas: A Imaculada Conceição (1618) e a Adoração dos Magos (1618)¹.

¹Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3823/pintura-sacra>.

Nosso intento foi refletir sobre a infância ou a sua ausência na pintura do século XVII, a partir de quadros que retratavam as crianças. Em vista disso, fizemos uso de elementos puramente estéticos, visuais. Em seguida, objetivamos traçar um paralelo com a concepção de infância na modernidade, tendo os escritos de Philippe Ariès e João dos Santos como alicerces históricos para se pensar a temática, na atualidade. Dessa forma, compreendemos que as múltiplas interpretações envolvendo um mesmo objeto ou fenômeno enriquecem nosso campo conceitual e ampliam nosso olhar sobre o mundo circundante. Nessa perspectiva, a Arte situa-se na complexidade das ciências humanas, criando pontos de reconhecimento entre os sujeitos e a história, estabelecendo vínculos conceituais entre cultura, sociedade e subjetividade.

A metodologia utilizada inicia-se com a a/r/tografia, baseada nos estudos de Dias (2013, p. 25), ao explicar que “a a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito), quanto a imagem (visual), quando eles se encontram em momentos de mestiçagem e hibridização”. Irwin (2013, p. 28) complementa a explicação ao propor que “a a/r/tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas textuais”. Sendo assim, optamos pelo citado método, pelo fato de trabalharmos com a leitura de imagens, tendo em vista que a arte surge neste estudo como uma das nossas principais fontes de pesquisa. Concomitante à a/r/tografia, temos o método bibliográfico, sedimentado nos estudos de Ariès (2006) e João dos Santos (1991), pois esse tipo de investigação serve-nos de base epistemológica, para analisarmos nosso objeto de estudo.

O texto se desenvolve em dois tópicos, o primeiro se refere à leitura de um dos quadros de Velázquez, cuja intenção é demonstrar como a infância é retratada na pintura do período Barroco. Quanto ao segundo tópico, intencionamos debater a concepção de infância, mediante a historicidade e atualidade da obra de Philippe Ariès, bem como a contribuição humanista e psicanalítica de João dos Santos sobre a criança e seus direitos.

2 A INFÂNCIA RETRATADA NA PINTURA DO SÉCULO XVII: *LAS MENINAS* OU *A FAMÍLIA DE FILIPE IV* – (VELÁZQUEZ 1656)

Neste tópico, faremos uma análise estética, histórica e social acerca da infância, por meio da imagem de crianças pintadas no século XVII, tendo a iconografia como aporte metodológico e, mais especificamente, a arte do pintor espanhol Diego Velázquez – como objeto de estudo e levantamento das hipóteses. Sabemos que a concepção de infância é algo

ainda recente na história do Ocidente, fruto da modernidade, tendo suas bases alicerçadas em ideais iluministas.

Vale destacar que a intenção da obra de Velázquez não é apresentar a concepção de infância, uma vez que tal conceito não era estudado ou mesmo debatido no século XVII. O artista espanhol consagrou-se como pintor da corte do Rei Filipe IV, da Espanha, portanto, sua obra intencionava retratar os membros da família real e o cotidiano deles nos suntuosos palácios da Europa. Contudo, ao analisarmos os séculos que antecederam o período Barroco, em especial a Arte Medieval, é possível constatar a ausência da infância, pois “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la” (PHILIPPE ARIÈS 2006, P. 17). Com base nessas informações, Ariès sinaliza a probabilidade de naquela época não haver espaço para construção das concepções de infância, principalmente, pelo fato de as próprias pinturas que retratavam crianças apresentarem formas corporais de adultos, impondo a ocultação de traços pueris na arte, uma vez que essas crianças eram vistas como adultos em miniatura, conforme estudos do autor.

Ainda nos séculos X e XI, a imagem da criança não despertava interesse, pois a fase dos primeiros anos era tida como algo efêmero e, portanto, “isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida” (IBIDEM, p. 18). Tal afirmativa expressa a falta de apreço com a memória da infância, algo comum à época.

Nesse sentido, os artefatos artísticos e históricos contribuem para compreendermos o presente, o cotidiano, os sujeitos em movimento, bem como suas temporalidades e subjetividades. Portanto, enxergar a arte do passado com olhar voltado ao futuro representa reconhecer que o conhecimento não é algo dado, mas, sim, construído na transitoriedade do tempo e das ciências. Notoriamente, a infância foi ficando seu valor sociológico e psicológico, a partir da concepção de sujeito e inconsciente, tendo em vista que a modernidade sentiu a necessidade de estudar a criança para compreender o adulto.

A seguir, veremos uma das pinturas mais famosas de Velázquez, que apresenta recortes do cotidiano da realeza espanhola e tem por título: “Las Meninas”. A obra é também conhecida como “A Família de Filipe IV” – uma vez que retrata a família. Vale ressaltar que, a princípio, o objetivo era pintar a família do rei, no entanto, o quadro tornou-se conhecido e, ao mesmo tempo, atrativo, visualmente falando, pelas imagens das meninas, cores esplendorosas, realçando a infanta e suas damas.

Figura 1. “Las Meninas ou A Família de Filipe IV- (Velázquez, 1656).



Fonte: <

O quadro em destaque, cuja técnica utilizada é óleo sobre tela e foi datado do século XVII, encontra-se atualmente no Museu do Prado, em Madrid. Vale destacar que essa obra é umas das mais analisadas entre os apreciadores da arte ocidental, devido a sua complexidade em se observar o que realmente são fatos reais do cotidiano e o que são apenas imagens fabricadas pela imaginação do pintor. O quadro também foi objeto de análise de Michel de Foucault, no livro intitulado *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1995).

Martins (2013, p. 86) descreve a imagem: “À esquerda, de pé no ateliê, Velásquez está possivelmente pintando os reis Filipe IV e Mariana, quando é surpreendido com a entrada da infanta Margeritha e suas damas”. A obra é ainda um autorretrato do artista, pois ele está presente na pintura, posicionado próximo a uma das damas de companhia da imperatriz. Logo à direita da imagem, é possível identificar a anã Maribárbola, juntamente com o anão Pertusato, ambos trajados de acordo com o ambiente da realeza. É recorrente a figura do anão nesse tipo de pintura, especialmente ao lado da família real, uma vez que essas pessoas eram encarregadas de entreter a nobreza, alguns deles tocavam instrumentos, dançavam, declamavam poesias e faziam o rei rir, daí surgir o termo “bobo da corte”, com o intuito de

tipificar esses grupos, cujo objetivo era trazer entretenimento. Todavia, dentre essas pessoas estavam deficientes físicos, anões, corcundas e até loucos.

Outro fato curioso, descrito na Coleção Grandes Mestre (Velázquez), produzida em 2011, pela Editora Abril Coleções, está no estranho hábito de os pais mostrarem o crescimento das filhas ao futuro noivo, por meio do envio de retratos pintados. Foi o que fez o rei Filipe IV, ao enviar a Viena três retratos da infanta Margeritha, de maneira que “Velázquez produziu três obras primas. O primeiro retrato, a infanta com 2 anos, em 1653, o segundo, com cerca de 5 anos, e o terceiro com 8 anos” (ABRIL COLEÇÕES, 2011, p. 130). É nesse aspecto que a arte serviu e ainda nos serve de meio de comunicação, demonstração da realidade e do poder da nobreza. Destacamos que dois dos três quadros citados encontram-se atualmente no museu de Viena, na Áustria.

A pintura histórica chama-nos atenção pelos detalhes materiais e posturas dos retratados, a começar pela vestimenta da infanta Margeritha, filha do Rei Filipe IV. É notório que ela está trajada com o vestido típico de adulto, evidenciando que a infância ainda não suscitava importância e, portanto, as roupas deveriam ser iguais às dos adultos, diferenciando-se apenas no tamanho. Porém, essa fase do desenvolvimento humano era identificável somente na arte sacra, conforme Ariès (2006, p. 32):

A indiferença marcada que existiu até o século XIII - a não ser quando se tratava de Nossa Senhora menina – pelas características próprias da infância não aparece apenas no mundo das imagens: o traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno do seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição (...).

Com base nos registros históricos e literários, constata-se que foi a partir do século XVII, que a criança pertencente à nobreza começou a deixar de ser vestida como adulto, ou seja, aos poucos, a imagem da infância vai surgindo, por meio da vestimenta, logo, é essencial observar o passado por meio dos detalhes do cotidiano e do modo como as pessoas vestiam-se e se comportavam. Neste sentido, é perceptível,

[...] a importância do século XVII na evolução dos temas da primeira infância. Foi no século XVII que os retratos de crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns. Foi também nesse século que os retratos de família, muito mais antigos,

tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição (IBIDEM, p. 28).

A caracterização do século XVII, acima descrita, leva-nos ao entendimento de que foi a partir desse século – e mediante a observação dos quadros pintados por artistas da época – que a infância foi desabrochando ao mundo e aos estudiosos dos séculos vindouros. Esses componentes artísticos mostram-se também históricos e sociais, à medida que o espectador observa a evolução da humanidade, por meio da arte.

3 A INFÂNCIA EM PHILIPPE ARIÈS E JOÃO DOS SANTOS

Inicialmente, este artigo intenciona analisar a pintura de Velázquez, com o intuito de compreender a ausência ou desconhecimento acerca da concepção de infância no século XVII, utilizando a iconografia como objeto de análise. Porém, a temática infância esboça outros enfoques na modernidade, tais como históricos, sociológicos e psicológicos, estes se devem fundamentalmente pelo fato de tratarem da percepção sobre a necessidade de se estudar o desenvolvimento humano e as fases que compõem a evolução dos sujeitos, desde a tenra idade. Nesse sentido, trazemos algumas notas literárias, com base nos estudos de Philippe Ariès e João dos Santos, para discutirmos o lugar da criança na sociedade atual.

No livro *História Social da Criança e da Família*, Ariès (2006) traça um percurso histórico e social acerca da constituição da temática infância, no Ocidente. Todavia, temos, nessa obra, aportes teóricos que nos levam ao entendimento de como a infância foi aos poucos saindo do anonimato histórico e vindo a ser considerada uma fase essencial ao desenvolvimento emocional e psicológico dos sujeitos.

Assim, é fundamental destacar a importância da pintura do século XIV ao XIX, de maneira que a infância começa a ser evidenciada na iconografia destes períodos, por meio da demonstração do cotidiano das crianças, em diversos contextos, conforme anota Ariès (2006, p. 21):

(...). Salientamos aqui apenas o fato de que a criança se tornou uma das personagens mais frequentes dessas pinturas anedóticas: a criança com sua família; a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão, mas “ressaltada” no colo de sua mãe ou segura pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo prédicas, acompanhando os ritos litúrgicos, as apresentações ou as

circuncisões; a criança aprendiz de um ourives, de um pintor etc.; ou a criança na escola, um tema frequente e antigo, que remontava ao século XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XIX.

Em outro momento da obra, o autor sugere que essas cenas, nas quais as crianças são representadas, foram produzidas sem pretensão de retratar a infância propriamente dita, uma vez que elas aparecem ao lado de adultos, em circunstâncias da vida cotidiana, ou seja, denotando que a pintura não tinha como foco somente a imagem da criança. Uma observação secundária (Ariès, 2006) aponta que os artistas gostavam de retratar a criança, movidos pela graciosidade pueril ou por razões anedóticas. Tal observação nos faz refletir o quanto os estudos sobre infância são recentes no Ocidente, e mais ainda no Brasil, portanto, para compreender a necessidade desse conhecimento, é preciso buscar as influências no contexto histórico, na arte, na cultura e na sociedade da época. Em vista disso, a obra de Philippe Ariès nos fornece fundamentos teóricos para problematizar as raízes da concepção de infância que está sendo construída atualmente.

Analisando os discursos que vêm se desenvolvendo ao longo dos séculos sobre os conceitos de infância, trazemos para este debate, as contribuições do psiquiatra infantil e psicanalista português João dos Santos (1913-1987). Destacamos que sua teoria se desenvolve ainda no século XX, porém se estende ao século XXI, mostrando a atualidade do pensamento, ao defender os direitos das crianças, dentre eles, a vida interior:

Todas as crianças sem exceção tem direito a uma vida interior autônoma e ao respeito pela sua interioridade, se a vida do Homem é essencialmente pensada, e é portanto pensamento e se o pensamento se cria com a vivência emocional e a imaginação infantil, demos à criança espaço para brincar, tempo para fantasiar e proteção para que possa resguardar a sua intimidade (SANTOS, 1991, P. 116).

Na citação, o respeito à vida interior da criança é apresentado como direito, acenando a preocupação em preservar a infância como espaço no qual se cria o pensamento e a “vivência emocional”. Vejamos que há uma atenção maior à formação da subjetividade da criança, de maneira que as experiências vividas na infância vão reverberar na vida adulta.

Para tanto, João dos Santos apresenta-nos estudos calcados em bases psicológicas e psicanalíticas, com o objetivo de explicar que a criança tem sua autonomia interior, que ela não é uma “tábula rasa” dependente totalmente do adulto para pensar, brincar e fantasiar.

Portanto, a teoria santiana atualiza a nossa concepção de infância ao afirmar que “a declaração dos Direitos da Criança foi um acontecimento apreciado em todos os meios ligados ao bem-estar da criança e foi naturalmente objecto de comentários” (IBIDEM, p.115). Salientamos que o documento supracitado veio assegurar os direitos da criança, direitos estes que por muito tempo foram ocultados, negligenciados. Desse modo, percebe-se que o século XX é marcado pela necessidade de firmar a concepção de infância.

Segundo o autor, A Declaração dos Direitos da Criança (1959) desencadeou diversos debates e assembleias. No mesmo trecho do livro *Ensaio sobre Educação II – o falar das letras* (1991), ele comenta acerca do convite que recebeu para discursar sobre a Declaração. Na ocasião, o psicanalista relatou o misto de contentamento e perplexidade ao falar do assunto, satisfação pela criação dos direitos da criança e perplexidade por ter que haver um documento que imponha o respeito aos direitos infantis, tendo em vista que, implicitamente, tornou-se uma defesa ao óbvio. “Que espécie de gente é esta, que precise de elaborar, escrever, publicar a impor o que é que se tem de fazer pelas crianças para que elas se criem?” (IBIDEM). O senso crítico de João dos Santos desperta para a reflexão de que o direito não deveria ser garantido mediante imposição, mas, sim, naturalizado pela razão.

Dentro deste quadro teórico, os contributos de Philippe Ariès e João dos Santos são fundamentais ao entendimento acerca da urgência em se discutir a temática infância na sociedade atual. Pensar o ser humano em sua totalidade implica conhecer a sua criança interior.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primazia da arte sobre a imaterialidade do tempo revela-se na mística do movimento da vida e na perpetuação dos fatos históricos, sociais e políticos. Contudo, analisar o percurso histórico e sociológico acerca da constituição da infância, por meio das narrativas iconográficas, nos faz refletir sobre o papel da arte na fundamentação das teorias e conceitos sobre o sujeito e seu cotidiano.

Iniciar este texto trazendo a análise da pintura de Velázquez, ainda no século XVII, e concluir com os enfoques contemporâneos de Philippe Ariès e João dos Santos sobre a temática infância, significou reconhecer que tudo tem uma história e um passado que deve ser articulado com o presente, na perspectiva de um futuro no qual a infância seja um direito e não um privilégio. O século XXI ainda é marcado pela violação dos direitos da criança, principalmente, nas camadas mais pobres da sociedade e pela Violência Doméstica contra

Crianças e Adolescentes. Essa questão endêmica da sociedade atual, que permanece desafiando as políticas públicas denominadas de promoção e proteção à infância.

Este estudo permitiu observar a importância do contexto na constituição dos fenômenos sociais, principalmente quando nos reportamos aos acontecimentos históricos que marcaram o pensamento ocidental, dentre os quais, o Iluminismo e a Revolução Francesa, pois foi a partir da Revolução Francesa (1789) que o Estado começou a ter interesse pela criança e passou a ser responsável por ela.

A Arte nos mostra que o pouco que se sabe sobre as crianças dos séculos citados anteriormente é fundamentalmente por meio do cotidiano da realeza, dos quadros da família real, demonstrando que a invisibilidade da infância das crianças pertencentes às famílias mais pobres é perpetuada no tempo e na sociedade por meio de uma cegueira ideológica que impossibilita a percepção da violação dos direitos da infância.

REFERÊNCIAS

- ABRIL. **Velázquez**. Abril Coleções; tradução de Mônica Esmanhotto e Simone Esmanhotto. – São Paulo: Abril, 2011. 160 p- (Coleção Grandes Mestres; v. 12).
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- DIAS, Belidson. *A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.
- IRWIN, Rita L. *A/r/tografia*. In: DIAS Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.
- MARTINS, Raimundo. *Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.
- SANTOS, João dos. **Ensaio sobre Educação – II: O falar das letras**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.